Os novos mapas da cidade

Autor(es): Domingues, Álvaro

Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitectura

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37449>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0874-6168_3_4

Accessed : 26-Apr-2023 01:54:22

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

ecdj

3

fctuc | departamento de arquitectura

novos mapas para velhas cidades

workshop internacional de arquitectura

projectos

guido giangregorio | walter rossa
rui lobo | álvaro domínguez | nuno grande
joão paulo cardielos | josé antónio bandeirinha

coimbra: um novo mapa [16 a 25 de novembro]

manuel graça dias | margueira
manuel fernandes de sá | marginal do douro
antónio belém lima | vila real

editores jorge figueira + nuno grande

novembro 2000

[os novos mapas da cidade]

álvaro domínguez

Em época de crise de paradigmas e de acelerada mutação da “condição urbana” (denominemos, assim, para simplificar, as inúmeras abordagens sobre a questão urbana: morfologia, funções, sociabilidades, economia, políticas,...), é natural que coexistam e se atropelem, conceitos, teorias e novas e velhas representações (mapas), tentando descodificar e interpretar a complexidade dos territórios urbanizados e a sua dinâmica de evolução.

- > A turbulência desta conjuntura inibe, assim, qualquer abordagem definitiva e holística sobre a “cidade emergente”, ao mesmo tempo que exige uma metodologia multidisciplinar nem sempre fácil de conseguir quando os campos disciplinares envolvidos se encontram, eles próprios, enredados em abordagens múltiplas, quantas vezes, contraditórias.
- > Retomaria, por isso, apenas algumas questões conceptuais que hoje são recorrentes no léxico urbanístico e que podem abrir algumas pistas de clarificação sobre as novas cartografias urbanas.

1. A crise do centro ou a diversidade da “condição central”.

- > O centro constituiu sempre um referencial de primeira importância na caracterização das aglomerações urbanas. Essa importância é facilmente explicada pela conjugação locativa de vários atributos formais, funcionais e simbólicos: a densidade da memória histórica, a aglomeração e a diversidade de funções de carácter direccionado, a acessibilidade, a forte referenciação iconográfica e perceptiva, o palco central da afirmação do poder e da cidadania.

> Não cabe aqui traçar as grandes linhas da mutação dos centros no tempo longo da história.

A tendência clara que hoje se regista é a:

- da centrifugação de funções direccionais que dotavam o centro do seu carácter polarizador.
Essa centrifugação toca desigualmente os referenciais de centralidade, seja na esfera económica (sedes de empresas, estabelecimentos comerciais e de serviços de carácter qualificado e excepcional), cultural (museus, teatros, cinemas, universidades, auditórios, locais de encontro e de tertúlia), político-administrativa, etc.
- do congestionamento, em parte provocado pelo automóvel (seja no próprio centro, seja nos eixos principais que daí irradiam ou convergem), ou por outras questões de reconfiguração das estruturas e sistemas de mobilidade, pela re-localização dos novos terminais de transporte colectivo (caso do TGV), pela importância crescente do uso dos aeroportos,
- pela desadaptação dos transportes colectivos às novas necessidades de mobilidade, etc.
- da emergência de novos ícones urbanos (arquitecturas de excepção com assinatura de autor) localizados fora do centro e que retiram o monopólio da representação simbólica aos edifícios patrimoniais e institucionais, etc.
- da crise da cidadania, remetendo o centro físico da “polis” para a esfera dos media, e da crescente descoincidência entre os locais de exercício formal da participação cívica e dos seus limites territoriais (locais de residência que definem os locais de voto, fragmentação institucional da sociedade civil ou a sua completa anomia, emergência dos movimentos de defesa de interesses locais, etc.). Esta questão traduz-se pela expansão da aglomeração urbana por vários territórios administrativos (municípios, no caso português) que reivindicam e afirmam as suas próprias centralidades e identidades, e pela própria plasticidade dos “habitantes” da cidade (mobilidades crescentes, complexidade dos movimentos pendulares, crescimento dos “utentes urbanos” não residentes).
- da obsolescência funcional do centro (envelhecimento do edificado, desadaptação a novos padrões de conforto e de estilos de vida, abandono da função residencial, dificuldades logísticas, crise ou total inoperacionalidade de antigas funções e equipamentos, etc.)

> Estes e outros processos traduzem-se na pulverização da condição central, criadora de novas centralidades (polarizações) e de novos referenciais urbanos (iconografias) que passam a ter uma relação tensa, misto de complementaridade e de concorrência com os centros tradicionais. Os novos centros terciários que emergiram nos anos 80 - caso limite das “Edge-Cities” dos EUA, (cf. GARREAU), os grandes complexos multifuncionais de comércio, serviços e lazer, as “aerocidades”, os novos pólos ou campus universitários, os centros logísticos associados aos principais nós do sistema de mobilidade, etc. -,

constituem exemplos claros de reconfiguração e desmultiplicação de "centros".

- > Face a estas tendências e a uma generalizada estigmatização dos centros tradicionais e da sua ampliação mediática (insegurança, desertificação, envelhecimento), tem-se registado uma diversidade de trajectórias de saída da crise, traduzidas em políticas de incentivo de "regresso ao centro". Normalmente, essas trajectórias são alimentadas pelo discurso da "nostalgia do centro" e do aproveitamento de uma generalizada crise de identidade urbana que refaz a imagem do centro e dos valores da história e da memória, enquanto repositório colectivos de inter-referenciação e de identidade. Esta súbita "patrimonialização" do centro originou fenómenos de turistificação, de re-uso e de re-qualificação e até de intervenção cenográfica em edifícios, conjuntos e espaços públicos, mudando radicalmente a apropriação social e o perfil funcional dos centros. O lazer, o turismo, a cultura, são, entre outros, os novos temas que alimentam esta renovação urbana.
- > Em paralelo, as políticas de reforço das "centralidades periféricas" como instrumento de estruturação da cidade policêntrica e geograficamente explodida, ou como âncora da qualificação das periferias, provam que a condição central tem hoje uma cartografia completamente diferente e que o modelo centro/periferia é cada vez mais um obstáculo para a compreensão e para a intervenção na (nova) cidade.

2. O crescimento ou a perda da forma e dos limites

- > A regulação do crescimento e da morfologia urbana é outro dos temas recorrentes na disciplina urbanística. A derrocada do planeamento tecnocrático e racionalista do Estado Providência, trouxe consigo o discurso do subúrbio como patologia urbana e legitimou socialmente as políticas neo-liberais da urbanização regulada pelo mercado e pelos agentes privados. Ao mesmo tempo, a banalização do automóvel, das novas tecnologias de informação, as mudanças nos estilos de vida, nos hábitos de consumo, nas tecnologias de produção, conservação e distribuição de bens e serviços, no aumento da capacidade de mobilidade, na emergência de novas actividades económicas, na diversidade de lógicas locativas, na organização do mercado de trabalho, etc., catalisaram o crescimento centrífugo e descontínuo da urbanização, dando origem a territórios urbanos compósitos, fragmentados, descontínuos e geograficamente extensos.
- > Num lapso de tempo relativamente curto, a cidade perdeu, assim, o centro, a forma e os limites (cf. PAVIA, 1996). Na Geografia Urbana, o conceito de *Megalopolis* de J. Gottmann (GOTTMANN, 1961) era já premonitório de uma "nova ordem urbana" expansiva, (o *suburban sprawl* americano), nebulosa, policêntrica, descontínua, estilhaçada, etc. O conceito de subúrbio como um anel residencial regulado pela dinâmica de um centro já não se ajustava a este conceito/processo, agora feito de coalescências urbanas, organizado por eixos e onde **o espaço relacional** (interdependências multi-focais; densidade de relações num território alargado e mais ou menos intensamente urbanizado)

e o tempo (a distância-tempo encurtada pelo automóvel e pela auto-estrada,

que comprimiu o espaço e reduziu a fricção territorial), se sobrepuseram a uma ordem urbana anterior estruturada pela proximidade física, pela contiguidade do tecido construído, pela cidade compacta e pela oposição centro/periferia.

- > Entre muitos outros, a *Informational City* de E. Castells (CASTELLS, 1989); a *Disappearing City* de Peter Hall (1990); a *Edge City* de J. Garreau (GARREAU, 1991); a *100 Mile City* de Deyan Sudjic (SUDJIC, 1992); a *Fractured Metropolis* de Jonathan Barnett (BARNETT, 1995); a *Metapolis* de François Ascher (ASCHER, 1995), ou a *Ipercittà* de André Corboz (CORBOZ, 1994), constituem frescos impressionistas da nova cidade-região, produzida a partir da expansão territorial e da diluição dos limites das aglomerações urbanas.
- > Face aos modelos canónicos da “boa forma urbana”, o efeito foi desconcertante, abrindo toda a espécie de radicalismos, desde a simples negação do conceito de cidade - Castells afirma que o século XXI assistirá à intensificação de uma urbanização sem cidades -, da proliferação de “não lugares” (AUGÉ, 1992), até às profecias da “desterritorialização” das cidades, submergidas pela hiper mobilidade e pela sociedade e tecnologias da informação. A cidade-máquina ou a cidade-corpo, deram lugar às metáforas do caos, da indeterminação, da virtualidade, da fragmentação, dos fractais, das redes, dos hipertextos, etc. como instrumentos de apreensão das novas realidades urbanas.
- > As cartografias urbanas tornaram-se, assim, tão variadas quantas as estratégias de legibilidade e de representação da “floresta urbana” e das suas múltiplas formas, função, vivências, percursos e conexões. A leitura e a intervenção por fragmentos, abre caminho ao sucesso dos “projectos urbanos”, espécie de micro-cosmos retirados da lógica macro-sistémica do vasto conjunto a que pertencem, ao mesmo tempo que se avolumam as dificuldades de leitura e de intervenção à nova escala alargada. Por sua vez, a arquitectura confina-se cada vez mais a objectos, autores e programas de excepção, criadores dos novos ícones de referência urbana nos centros, nas periferias, nos centros periféricos ou na periferia dos centros.

3. Uma hipótese de saída

- > Este conjunto de tensões já não cabe na radicalização dos discursos sobre os traumas da perda de um qualquer modelo utópico de cidade. Claramente, parece que nos confrontamos cada vez mais com duas condições urbanas distintas e interligadas: **a macro e a micro-cidade**, o sistema e os seus distintos elementos.
- > **A macro-cidade** define-se, sobretudo pelo campo de forças criado pela intensidade da coesão e das interdependências funcionais, constituindo-se como território extenso e descontínuo, estruturado pelos grandes eixos e sistemas de mobilidade e referenciando-se por elementos (formais e/ou funcionais) de excepção.

- > As cartografias da macro-cidade oscilam entre:
- > Esquemas abstractos que tentam captar a vertebração da organização do espaço relacional, traduzido pelo traçado das redes estruturantes, pela localização dos pontos de máxima acessibilidade, pela representação dos fluxos, das interconexões, dos locais de oportunidade, conflito ou congestão. Os planos, quando existem, incidem, sobretudo, em temas de natureza sistémica cuja lógica e território pertinente se ajusta a esta escala alargada - planos de mobilidade, sistemas de infraestruturação de nível hierárquico superior, localização de funções de excepção (pela sua dimensão ou natureza especializada), corredores e sistemas "verdes", etc.
- > Grafismos incertos, mapas cognitivos que traduzem a pluralidade dos traçados, das leituras e das vivências urbanas. A realidade da "hipercidade" corresponde à simultaneidade de lógicas diversas que continuamente produzem, usam, transformam e dilatam o território urbanizado.
- > Contrariamente aos planos racionalistas, cobrindo todo o território com zonamentos mais ou menos precisos, as cartografias da macro-cidade são representações topológicas que procuram decifrar a complexidade, a heterotopia, e dar sentido estratégico ao conteúdo e prioridade das políticas equilibradoras do sistema e da sua fluidez. Esta leitura é imprescindível para perceber que a cidade alargada não é um somatório de "não-lugares" mas, ao contrário, um sistema em que cada elemento só pode ser inteligível (cada vez mais) no contexto geral em que se insere. "Habitar a distância" (P. Rovatti, in PAVIA, 1996, p.50) é uma boa metáfora e um desafio para mudar a atitude negativa com que, normalmente, se avalia esta cidade "esfrangalhada" (Siza Vieira).
- > **A micro-cidade** é o território pertinente de intervenção onde o projecto e o desenho urbano encontram um campo fértil. No entanto, seja na cidade histórica, na cidade consolidada ou no território (dito) indiferenciado da periferia, a escala, o programa e os objectivos de intervenção do projecto urbano, serão sempre uma intervenção fragmentária e descontextualizada se não se perceber a condição aberta e comunicante destes micro-sistemas.
Trabalhar o "sentido dos lugares", a identidade, a qualificação dos espaços de uso público, as lógicas de proximidade, é uma forma de re-apropriação dos lugares, não apenas como espaços isoláveis e confinados mas também como lugares de conexão, como pontos ou trajectos de circuitos mais vastos e complexos. Reinventar a proximidade (cf. ASCHER, 1995) e habitar a distância são duas polaridades complementares que só se atingem simultaneamente quando se resolver a lógica "mic-mac", i.e., quando, em parte, se compreender a "posição" da cada elemento ou fragmento no conjunto de que faz parte.
- > Os lugares onde as lógicas macro e micro se chocam (nós de articulação entre o sistema viário arterial e o sistema capilar; envolvente das grandes infraestruturas e equipamentos urbanos; pólos universitários; grandes superfícies comerciais; zonas residenciais aglomeradas ou difusas, parques temáticos, etc.), constituem verdadeiros laboratórios para testar a

bibliografia

- ARCHITECTURAL DESIGN, (1994) *The Periphery*, Vol. 64, 3-4, St. Martins Press, New York.
- ASCHER, François (1995); *Metapolis ou l'avenir des villes*, Editions Odile Jacob, Paris.
- AUGÉ, Marc (1992) *Não-lugares, Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Bertrand Editora, Lisboa.
- BARNETT, J. (1995) *The Fractured Metropolis*, Harper Collins, New York.
- BOERI, S.; LANZANI, A. (1992), "Gli Orizzonti della Città Diffusa", in *Casabella-Revista Internazionale di Architettura*, n° 588, Mondadori, Milano, pp. 44-59.
- CASTELLS, E. (1989) *Informational City*, Basil Blackwell, Oxford.
- CORBOZ, A. (1994); "L'iper città", in *Urbanistica*, n° 103, Istituto Nazionale di Urbanistica, Roma, pp.6-10.
- DEMATTEIS, G. (1988), "Contro-urbanizzazione e deconcentrazione: un salto di scala nell'organizzazione territoriale" in INNOCENTI, R. (ed.) *Piccola Città & Piccola Impresa*, Franco Angeli, Milano, pp.100 a 115.
- DEMATTEIS, G. (1991), "Nodi e reti nello sviluppo locale" in MAGNAGHI, A., a cura di, *Il Territorio dell'Abitare*, Franco Angeli, Milano, pp.249-268.
- DOMINGUES, A. (1998) "Formas e escalas da urbanização difusa", *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, 33, Universidade Autònoma de Barcelona, Barcelona.
- EMANUEL, C.; DEMATTEIS, G. (1990), "Reti urbane minori e deconcentrazione metropolitana nella Padania centro-occidentale", in MARTELLATO, D.; SFORZI, F., a cura di, *Studi sui Sistemi Urbani*, Franco Angeli, Milano, pp. 233-262.
- FIELDING, A.J. (1989), "La Contro-urbanizzazione nell'Europa Occidentale" in PETSIMERIS, P. (a cura di), (1989), *Le Reti Urbane Tra Decentramento e Centralità*, Franco Angeli, Milano, pp. 82-100.
- GARREAU, J. (1991); *Edge City: Life on the New Frontier*, Doubleday, New York.
- GENEVIÈVE D.; CHALAS, Y.; ed. (1997), *La Ville Émergente*, Ed. de l'Aube, Paris.
- GOTTMANN, J. (1961); *Megalopolis, The Urbanized Northeastern Seaboard of the UEA*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- HALL, Peter (1990) "The Disappearing City?", University of California at Berkeley, Working Paper 506.
- INNOCENTI, R.; GIGLI, P. e ZAMPI, P. (1990), "I confini delle aree metropolitane: il caso dell'area di Firenze-Prato-Pistoia", in PABA, G., a cura di, *La Città e il Limite*, Quaderni della Fondazione Michelucci, 2, Firenze, pp. 102-113.
- WALL, Alex (1994); "The Dispersed City", in *Architectural Design*, Vol. 64, 3-4, St. Martins Press, New York.
- LANGDON, Ph. (1995); *A Better Place to Live - Reshaping the American Suburb*, Harper Perennial, University of Massachusetts Press.
- LEVY, Jacques (1994); *L'Espace Légitime - sur la dimension géographique de la fonction politique*, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, Paris.
- MARTINOTTI, Guido (1993), *Metropoli - La nuova morfologia sociale della città*, Il Mulino, Bologna.
- MONCLÚS J. (ed.), (1998) *La ciudad dispersa; Urbanismo, Ciudad, Historia (I)*, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, Barcelona.
- PABA, G. (a cura di) (1990), *La Città e il Limite*, Quaderni della Fondazione Michelucci, 2, GEF, Firenze.
- PAVIA, Rosario (1996) *Le paure dell'urbanistica*, Costa & Nolan, Genova.
- PEDROLLI, A. (1990), "I rapporti tra configurazione e struttura economico-sociale nella metropoli terziaria" in PABA, G. (a cura di), *La Città e il Limite*, Quaderni della Fondazione Michelucci, 2, GEF, Firenze, pp.56-60.
- PETSIMERIS, P. (a cura di), (1989), *Le Reti Urbane Tra Decentramento e Centralità*, Franco Angeli, Milano.
- PORTAS, N.; DOMINGUES, A. (1998), "*La Região Atlântica Norte de Portugal: metropolis o metapolis?*", in MONCLÚS, J. (ed), *La Ciudad Dispersa*, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, pp. 197-219, Barcelona.
- QUATENAIRE (1995) *Plano Estratégico do Sistema Urbano do Vale do Ave*, AMAVE, Guimarães (documento interno).
- RUSK, David (1993); *Cities Without Suburbs*, Johns Hopkins University Press, Baltimore.
- SÁ, M.(1986), *O Médio Ave*, Escola Superior de Belas Artes do Porto, Porto.
- SCOTT, A.J. (1988); *Metropolis: from the division of labor to urban form*, University of California Press, Berkeley and Los Angeles.
- SUDJIC, Deyan (1992); *The 100 Mile City*, A Harvest Original Harcourt Brace & Company, New York.
- VAN DEN BERG et al. (1982); *Urban Europe: A Study of Growth and Decline*, Pergamon, Oxford.
- VENUTI, G.C. (1987) *La Terza Generazione dell'Urbanistica*, Franco Angeli, Milano.